

Língua Brasileira e Letramento Racial: Possibilidades Pedagógicas a partir das Canções dos Racionais MC's

Brazilian Language and Racial Literacy: Pedagogical Possibilities Based on the Songs of Racionais MC's

 <https://doi.org/10.67204/riel.v4i10.3140>

Recebido em 22/07/2026 • Aceito em 10/10/2026 • Publicado em 13/10/2026

Moisés Carlos de Amorim, Ph.D.¹, Raimundo Nonato de Oliveira, M.A.²

Resumo: Considerando a urgência de ampliar os materiais didático-pedagógicos com o fito de valorizar a diversidade linguística e contribuir para uma educação antirracista, percebemos a necessidade de incorporar o letramento racial ao ensino de língua brasileira. Desta maneira, objetivamos analisar as contribuições das canções *Negro Limitado* (1992) e *Negro Drama* (2002), dos Racionais MC's, para o ensino de língua brasileira na perspectiva do letramento racial e elaborar, a partir dessa análise, uma proposta de intervenção pedagógica para a educação básica. Para tanto, procedemos a uma pesquisa aplicada, de abordagem qualitativa e natureza bibliográfica, fundamentada na análise interpretativa das canções, a partir do arcabouço teórico do letramento racial e da compreensão da língua brasileira como construção histórica, social e cultural. Sendo assim, as análises apontam para a potencialidade dessa articulação entre o RAP e o ensino de língua brasileira na promoção de reflexões sobre racismo, identidade, memória e protagonismo negro, o que nos permite concluir que tais produções constituem recursos relevantes para uma educação antirracista, pois conferem ao povo preto voz, lugar e protagonismo na história. Destarte, a contribuição oferecida é a proposição de mais intervenções pedagógicas que integrem canções do RAP e outras manifestações culturais ao ensino de língua brasileira.

Palavras-chave: Língua Brasileira, Educação Antirracista, Letramento Racial, Racionais MC's, Intervenção Pedagógica.

Abstract: Considering the urgency of expanding didactic-pedagogical materials in order to value linguistic diversity and contribute to anti-racist education, we perceive the need to incorporate racial literacy into Brazilian language teaching. Therefore, we aim to analyse the contributions of the songs *Negro Limitado* (1992) and *Negro Drama* (2002), by Racionais MC's, to Brazilian language teaching from the perspective of racial literacy and, based on this analysis, to develop a pedagogical intervention proposal for basic education. To this end, we conducted applied research with a qualitative approach and bibliographic nature, based on the interpretive analysis of the songs, drawing on the theoretical framework of racial literacy and on the understanding of the Brazilian language as a historical, social, and cultural

¹ Docente, Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, Mato Grosso, MT, Brasil
Doutorado em Estudos Literários, Universidade Federal de Mato Grosso

 moisescarlosamorim@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0002-5608-9126>

² Docente da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
Mestrado em Letras, Universidade Federal de São Paulo

 raimundo.oliveira@unifesp.br  <https://orcid.org/0000-0002-3085-1223>

construction. Thus, the analyses point to the potential of this articulation between rap and Brazilian language teaching to promote reflections on racism, identity, memory, and Black agency, which allows us to conclude that such works constitute relevant resources for anti-racist education, as they allow Black people voice, place, and agency in history. Therefore, the contribution offered is the proposal of further pedagogical interventions that integrate rap songs and other cultural expressions into Brazilian language teaching.

Keywords: Brazilian Language, Anti-racist Education, Racial Literacy, Racionais MC's, Pedagogical Intervention.

Introdução

Quando se discute a qualidade da educação básica brasileira, grande parte dos debates concentra-se na educação e qualificação docente, nas políticas públicas e nos indicadores de aprendizagem via avaliação externa. Menos frequente, entretanto, é a problematização da própria concepção de língua que sustenta o ensino escolar que tem por nomenclatura oficial a língua portuguesa, que por sua vez, traz em seu bojo, toda a artificialidade de uma língua que mais exclui, do que agrega conhecimento.

Neste contexto, a permanência da nomenclatura língua portuguesa nos documentos oficiais e nas práticas pedagógicas pressupõe uma continuidade histórica com a tradição linguística europeia que, muitas vezes, obscurece as condições específicas de constituição da língua no Brasil que passou por camadas muito difíceis e que não pode ser analisada fora de seu contexto histórico. Orlandi (2009) nos conta que ao longo da nossa formação histórica, o país foi marcado pelo contato entre diferentes povos, línguas e culturas, especialmente indígenas, africanas e europeias; esse contato produziu formas de dizer, de nomear que não podem ser compreendidas apenas como prolongamento do português europeu nem como uma variação daquele idioma.

Desta maneira, este artigo parte da compreensão de que temos uma língua própria, uma língua brasileira que se constituiu em meio a uma realidade histórica, social e discursiva produzida nas condições de existência do povo brasileiro que aqui se encontrava e foi se firmando com características muito próprias das contribuições de outros povos escravizados que aqui chegaram. Conforme discutido por Orlandi (2005; 2009), enxergar a nossa língua a partir do nosso próprio processo de historicização é essencial, pois amplia as possibilidades de compreensão da linguagem como prática social e não apenas como meras repetições.

Essa discussão torna-se ainda mais necessária quando se observam as profundas desigualdades raciais que atravessam a sociedade brasileira e, conseqüentemente, a escola e seus alunos. Embora avanços importantes tenham ocorrido com a implementação das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, o trabalho com as relações étnico-raciais ainda se restringe, em muitos casos, a atividades pontuais, concentradas em datas comemorativas ou desvinculadas do ensino-linguagem-aprendizagem quando se tem por objeto o ensino de língua. Como consequência, práticas didático-pedagógicas utilizadas nas escolas, fundamentadas nos currículos atuais, frequentemente deixam de reconhecer a língua como instrumento de produção de identidades, disputas simbólicas e circulação de memórias e concentram esforços apenas na reprodução de uma língua imposta, nos estudos das gramáticas, que, no limite, desvincula língua e sociedade, abdicando-se de uma função essencial que é a construção de letramentos.

Compreendido como prática social, o letramento ultrapassa o domínio técnico da leitura e da escrita para envolver os modos pelos quais os sujeitos produzem sentidos, participam da vida coletiva e interpretam criticamente a realidade em que vivem (Soares, 2004; Street, 2014). Nessa perspectiva, o letramento racial amplia essa compreensão ao possibilitar que os indivíduos reconheçam as formas pelas quais o racismo estrutura relações sociais, discursos e práticas institucionais, pois traz para o debate assuntos que, até então, eram mistificados ou normalizados. Os sujeitos pretos munidos de letramentos raciais se posicionam, se comprometem com a justiça e lutam por equidade racial (Ferreira, 2015) e se organizam em movimentos sociais.

Como destaca Gomes (2017), o Movimento Negro produz conhecimentos que extrapolam o espaço acadêmico e constituem importantes referências para a educação brasileira, uma vez que elaboram interpretações sobre a história, a cultura e as desigualdades raciais a partir das experiências da população negra. Trata-se de um movimento que converge com a defesa de Ribeiro (2019) de que não basta assumir uma postura de neutralidade diante do racismo, sendo necessário desenvolver práticas efetivamente antirracistas.

É nesse horizonte que se insere o *RAP* dos Racionais MC's. Suas letras transformam experiências historicamente silenciadas em conhecimentos socialmente compartilhados, favorece o desenvolvimento do letramento racial ao ensinar os estudantes a identificar, interpretar e problematizar os discursos que sustentam as desigualdades raciais. Assuntos,

nesses cenários, os mais espinhosos possíveis, são problematizados levados a efeito e percebemos que fazemos parte desse mundo cuja branquitude precisa ser enfrentada com argumentos sólidos em uma perspectiva da educação antirracista.

Acreditamos que, ao assumir a linguagem como espaço de disputa de sentidos, o *RAP* rompe com a compreensão de que apenas os saberes legitimados pela escola ou pela tradição acadêmica possuem valor científico. Pelo contrário, as narrativas produzidas pelos Racionais MC's demonstram que a periferia também produz conhecimento científico, interpreta a realidade e formula críticas consistentes às estruturas de poder que organizam a sociedade brasileira da qual os alunos fazem parte.

Nesse cenário, *RAP*, especialmente a produção dos Racionais MC's, assume relevância pedagógica. O caráter pedagógico dos Racionais MC's não decorre do fato de suas canções abordarem temas sociais somente, mas da maneira como transformam experiências historicamente vividas pela população negra em conhecimento crítico sobre a realidade brasileira. Suas letras ensinam a interpretar o racismo para além das relações interpessoais, evidenciam seus mecanismos estruturais, valorizam a identidade negra e orientam práticas de resistência fundamentadas no estudo, na informação e na consciência política. Ao fazê-lo, produzem aquilo que Gomes (2017) denomina de saberes do movimento negro, aproximando-se da concepção freireana de educação como leitura crítica do mundo (Freire, 1989; 1996).

Neste artigo, portanto, o *RAP* ultrapassa a condição de manifestação artística para constituir-se como prática educativa que construa letramento racial nos estudantes e oferecendo, aí sim, contribuições ao ensino da língua brasileira que conecte os estudantes, que os faça pensar a partir de suas próprias realidades, e promova soluções para combater o racismo que se estrutura e organiza a sociedade brasileira.

Pelas letras dessas músicas, percebemos que muito antes da consolidação acadêmica do conceito de racismo estrutural, canções como *Negro Limitado* (1992) e *Negro Drama* (2002) já denunciavam mecanismos de exclusão, de produção de desigualdades e de manutenção de privilégios que, posteriormente, seriam sistematizados por autores como Silvio Almeida (2019). A conclusão que se chega nessas letras é que longe de estimular a criminalidade, como frequentemente sustentam leituras estereotipadas, os Racionais defendem reiteradamente o estudo, a informação, a leitura e a construção de uma

consciência crítica como formas de enfrentamento das desigualdades sociais e raciais dando voz a periferia como espaço de formação sociológica e política.

Entretanto, apesar do crescente número de pesquisas sobre *RAP*, letramento racial e educação antirracista, observa-se uma lacuna na literatura especializada quando se olha para o eixo língua, ensino-aprendizagem. São ainda escassos os estudos que articulam, simultaneamente, a defesa da língua brasileira, à análise discursiva das letras dos Racionais MC's, o letramento racial e a elaboração de propostas didáticas destinadas ao ensino da linguagem na educação básica. Em geral, as pesquisas concentram-se na dimensão sociológica do *RAP* ou em análises literárias de suas composições, sem explorar suas potencialidades como instrumento para o ensino da língua brasileira a partir de uma perspectiva discursiva e antirracista. É justamente nessa intersecção que este artigo pretende contribuir.

Diante desse contexto, a pesquisa busca responder à seguinte questão: de que modo as canções *Negro Limitado* e *Negro Drama*, dos Racionais MC's, podem contribuir para a construção do letramento racial e para o ensino da língua brasileira na perspectiva de uma educação antirracista?

O objetivo geral consiste em analisar como essas duas canções produzem sentidos sobre identidade racial, linguagem e pertencimento, evidenciando suas contribuições para o ensino da língua brasileira e para a construção do letramento racial na educação básica. Como objetivos específicos, pretende-se: (i) discutir as relações entre língua brasileira, discurso e letramento racial; (ii) demonstrar como os Racionais MC's antecipam, em suas letras, discussões posteriormente sistematizadas pelos estudos sobre racismo estrutural; e (iii) propor uma sequência didática fundamentada no *RAP* como ferramenta teórico-metodológica para o ensino da língua brasileira e para a promoção de uma educação antirracista.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza aplicada, com objetivos exploratórios e descritivos, desenvolvida mediante revisão bibliográfica e análise discursiva de recortes das canções *Negro Limitado* e *Negro Drama*. A fundamentação teórica apoia-se, principalmente, nas contribuições de Orlandi (2005; 2009) para a compreensão da língua brasileira; de Almeida (2019), Gonzalez (1988), Gomes (2017), Ribeiro (2019), Bento (2022), Fanon (2008) e Carneiro (2003), entre

outros autores que discutem racismo, linguagem, educação antirracista, identidades e subjetividades.

A relevância deste estudo reside na possibilidade de aproximar a escola das práticas reais de linguagem produzidas na sociedade brasileira, sobretudo nas periferias, a voz nas letras *RAP* como uma forma legítima de produção de conhecimento e de elaboração discursiva das experiências históricas da população negra. Ao defender o ensino da língua brasileira articulado ao letramento racial, este artigo pretende contribuir para a construção de práticas pedagógicas comprometidas não apenas com o desenvolvimento das competências linguísticas dos estudantes, mas também com a formação de sujeitos capazes de compreender criticamente as relações entre linguagem, poder e desigualdade racial. Nessa perspectiva, ensinar língua brasileira significa reconhecer que toda prática de linguagem produz sentidos, e no limite, constrói uma educação efetivamente antirracista.

Metodologia

Como foi dito, este artigo é fruto de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica, de natureza analítica, desenvolvida na interface entre os estudos da linguagem e o letramento racial para uma educação antirracista. Por pesquisas qualitativa, este artigo adota a definição feita por Gil (2002) que considera que “[...] métodos de pesquisa qualitativa estão voltados para auxiliar os pesquisadores a compreenderem pessoas e seus contextos sociais, culturais e institucionais” (Gil, 2002, p. 94). Como estamos tratando de letras de *RAP*, a opção por essa abordagem decorre do próprio objetivo da investigação, que consiste em compreender como o *RAP* produz sentidos e afeta diretamente os sujeitos sociais que ouvem, cantam esse gênero musical. Assim, o interesse da pesquisa não está na mensuração de dados, mas na interpretação dos discursos e das relações históricas, sociais e culturais que atravessam sua produção.

O corpus da pesquisa é constituído, como dissemos na introdução, pelas canções *Negro Limitado* (1992) e *Negro Drama* (2002), dos Racionais MC's. A escolha dessas duas músicas se deu por consideramos a relevância para a história da banda Racionais MCs, mas também porque marcam períodos históricos muito importantes. Lançada em 1992, *Negro Limitado* foi produzida durante o governo de Fernando Collor de Mello, período marcado pela adoção de políticas neoliberais, pelo agravamento das desigualdades sociais, pelo

desemprego e pela intensificação da violência nas periferias urbanas. No campo racial, o mito da democracia racial ainda predominava no debate público, enquanto as discussões sobre racismo permaneciam pouco visíveis nas políticas educacionais e institucionais. Já a música *Negro Drama* foi lançada em 2002, no final do segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso, mas já se avizinhava a possibilidade de um governo progressista liderado por Luís Inácio Lula da Silva, período em que o debate sobre ações afirmativas, desigualdades raciais e democratização do acesso à educação começava a ganhar maior visibilidade no país. Contudo, persistiam elevados índices de violência contra a população negra, desigualdades socioeconômicas e a sub-representação de negros nos espaços de poder e de prestígio.

Neste sentido, o percurso analítico adotado, atesta as contribuições de Eni Orlandi (2009) acerca da historicidade da língua; de Eduardo Guimarães (2005) sobre a constituição da língua brasileira; de Silvio Almeida (2019) a respeito do racismo estrutural; de Cida Bento (2022), ao discutir a branquitude como mecanismo e manutenção de privilégios; e de Gomes (2017) no campo do letramento racial e da educação das relações étnico-raciais. Esses referenciais não são utilizados de forma isolada, mas articulados na construção de um quadro interpretativo capaz de compreender as relações entre linguagem, identidade, memória, raça e educação.

Do ponto de vista metodológico, a análise foi organizada em três momentos complementares. Inicialmente, realizou-se a contextualização histórica e discursiva das canções, considerando as condições de produção, circulação e recepção do *RAP* brasileiro. Em seguida, procedeu-se à análise das letras, observando aspectos linguísticos, discursivos e enunciativos, com atenção especial à luta contra o racismo estrutural. Por fim, foram articulados à proposta de letramento racial, as possibilidades de utilização do *RAP* como recurso pedagógico para o ensino da língua brasileira na educação básica.

Arcabouço Teórico

O estudo parte da compreensão de Orlandi (2009) de que a língua produzida no Brasil não pode ser reduzida à condição de variante do português europeu. As pesquisas de Orlandi (2005; 2009) revelam que sua constituição histórica decorre do contato entre povos indígenas, africanos, europeus e outros grupos que participaram da formação do

Brasil, sendo que, quando os portugueses aqui desembarcaram, já havia, não uma língua, mas várias línguas aqui presentes. A língua portuguesa, foi, senão, uma de várias outras, mas devido ao processo de colonização, e de escravização elegeu-se, unilateralmente, a língua dos colonizadores como sendo aquela de prestígio, a falada na Metrópoles, na administração pública.

Conforme observa Guimarães (2005), o português europeu passou a conviver, no território que hoje corresponde ao Brasil, com inúmeras línguas indígenas, africanas, gerais e, em determinados momentos, com outras línguas europeias. Esse intenso contato linguístico produziu transformações que ultrapassam a ideia de mera influência lexical, revelando um processo permanente de negociação, conflito e reelaboração dos modos de dizer. A língua produzida no Brasil nasce, portanto, do encontro entre diferentes matrizes culturais e linguísticas que participaram da formação histórica da sociedade brasileira.

Nessa perspectiva, a língua brasileira não corresponde apenas a um sistema de formas, mas a uma construção historicizada continuamente produzida nas práticas de linguagem de seus falantes. Essa compreensão aproxima-se da perspectiva apresentada por Bagno (2005), ao defender que, ao longo da história, foi sendo constituído no Brasil "um sistema com regras próprias" (Bagno, 2005, p. 28) que revela mais do que diferenças de vocabulário ou pronúncia entre o Brasil e Portugal, que, na verdade, trata-se de reconhecer que temos por aqui outra língua, distinta daquela que desembarcou nos anos 1500.

É nessa direção que se insere a reflexão de Orlandi (2009), para quem a língua brasileira deve ser compreendida como resultado de seu próprio processo de historicização. A autora argumenta que a referência para compreender essa língua deixa de estar exclusivamente em Portugal e passa a ser construída no próprio Brasil, a partir das experiências históricas, culturais e sociais produzidas nesse território. Em suas palavras,

A unidade e variedades da língua praticada aqui não refere mais o português do Brasil ao de Portugal, mas à sua unidade e variedades existentes no Brasil [...] A isto é que denominamos historicização da língua (Orlandi, 2009, p. 172).

A noção de historicização desloca o olhar da língua como simples herança colonial para compreendê-la como uma construção histórica permanentemente atravessada pelas experiências dos sujeitos que a utilizam. Língua e sociedade constituem processos inseparáveis, uma vez que toda prática linguística é produzida em condições históricas

muito específicas na construção dos sentidos compartilhados por uma comunidade. Como afirma Orlandi (2009), as línguas não são estruturas estáticas nem objetos desvinculados da vida social. Elas se modificam, entram em contato umas com as outras, desaparecem, incorporam novos elementos e acompanham os movimentos históricos das sociedades que as utilizam. Por isso, compreender a língua brasileira implica reconhecer sua materialidade histórica e social, bem como os diferentes sujeitos que participaram de sua constituição

Essa discussão não é recente. Desde o século XIX, intelectuais brasileiros já questionavam a ideia de que a língua falada no país pudesse ser reduzida à condição de prolongamento do português europeu. Como demonstra Alves (2020), esse debate atravessou diferentes momentos da história nacional e chegou ao campo político com a apresentação do Projeto de Lei n.º 756, de 1947, que propunha o reconhecimento da língua brasileira como idioma nacional. Embora a proposta não tenha sido aprovada, ela evidencia que a discussão sobre a identidade linguística brasileira possui raízes históricas profundas e permanece atual no campo dos estudos da linguagem.

Neste sentido, é preciso compreender a língua como espaço de poder; de disputas cujos valores e relações de poder são continuamente produzidos e reproduzidos e que a nomenclatura de um idioma oficial determina formas de expressão, escolhem o que pode ser reconhecido como legítimo, enquanto desqualifica-se, invisibiliza-se, apaga-se o outro ou os outros. Exemplos não faltam.

Foi o que aconteceu com as produções literárias do século XIX, que não chegaram às escolas ou se chegaram não teve a devida importância que merecem. Autores como Maria Firmina dos Reis; Nísia Floresta, e Joaquim Norberto de Sousa Silva, entre tantos outros, foram silenciados durante anos ou associados a grupos historicamente marginalizados. Mesmo o nosso maior escritor, Machado de Assis, foi embranquecido. As fotos deste escritor em nada se parece com as fotos que nos chegam por meio de pesquisas que foram produzidas nesta época presente. Essas escolhas estão profundamente relacionadas às desigualdades que atravessam a sociedade brasileira, que justificam um projeto de poder que há de começar, primeiro, pelo silenciamento de intelectuais negros, depois, pela imposição da língua, pela literatura e pelas músicas.

É nesse contexto que a discussão sobre raça e protagonismo negro ganha centralidade para uma educação antirracista. Como observa Almeida (2019), o racismo não se limita a comportamentos individuais, mas integra a própria organização das instituições

e das relações de poder que produz desigualdades continuamente, consciente ou não, se reproduzem de forma sistemática.

Foi preciso que Em *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (1960), uma autora preta registrasse o cotidiano da fome, da pobreza e da exclusão social a partir de sua própria vivência para que a linguagem empretecesse, nem que fosse um pouco, o cenário literário branco. Carolina Maria de Jesus nos convida a participar desse processo de desconstrução de que boa literatura só pode ser feita pela intelectualidade branca. Em suas obras há uma potência que reflete, reforça e, ao mesmo tempo, questiona as estruturas de poder que sustentam essas desigualdades, as quais se materializam em miséria e fome. Em *Quarto de Despejo* vimos que desigualdade é, sim, produzida pela elite branca. É um projeto de exclusão da população periférica, sobretudo as pretas que sofrem diuturnamente pelos privilégios da branquitude.

Ao discutir a branquitude, Bento (2022) chama atenção para os mecanismos que naturalizam esses privilégios e transformam determinados grupos em referência universal, enquanto outros permanecem invisibilizados ou representados de forma estereotipada, como veremos em *Negro Limitado* (Racionais, MC's, 1992). Essa lógica perversa atravessa a linguagem que chega à escola por meio de currículos enviesados de perpetuação da cultura branca. Exemplos clássicos são as leituras de Monteiro Lobato a respeito do negro, sempre estereotipado. O ensino não passa incólume dessas influências, o ensino permite quais formas de falar são valorizadas, quais repertórios culturais são legitimados e quais experiências permanecem à margem do currículo escolar.

E para enfrentar essa consolidação da branquitude, o letramento racial tem ampliado a compreensão sobre linguagem e os usos dela ao propor a leitura de autores pretos que trazem uma reflexão crítica sobre as relações raciais que estruturam a nossa sociedade. Esses autores identificam manifestações explícitas de preconceito travestida de piada ou de liberdade de expressão, de modo que a escola coloca em perspectiva, para que, professores e alunos, compreendam como discursos contribuem para manter ou questionar as desigualdades historicamente construídas e assim intervir. Não basta saber de onde vêm e como vêm os ataques à população preta, é preciso buscar formas de intervenção. Como destaca Gomes (2017), uma educação comprometida com a equidade racial exige o reconhecimento dos saberes produzidos pela população negra e a valorização de suas formas de participação na cultura, na linguagem e na produção do conhecimento.

É justamente nesse ponto que o *RAP*, especialmente a produção dos Racionais MC's, assume relevância para este estudo. Suas letras não apenas denunciam os efeitos do racismo estrutural, mas também constroem modos próprios de narrar a experiência da população negra periférica, transformando vivências cotidianas em informação, reflexão, denúncia, um verdadeiro raio X do Brasil.

Ao mobilizar recursos da oralidade por meio das rimas cuidadosamente selecionadas, vimos o aparecimento de memórias coletivas, de argumentação, e, sobretudo, de construção das subjetividades. Essas composições revelam, sim, a língua brasileira em funcionamento, evidenciando que os sentidos produzidos pela linguagem estão inseparavelmente ligados às condições históricas e sociais dos lugares em que são enunciados. Desse modo, analisar as canções dos Racionais MC's significa reconhecer que elas constituem materialidades discursivas capazes de articular língua brasileira, letramento racial para uma educação antirracista e para compreender como a linguagem participa da construção das identidades, da disputa por reconhecimento, da elaboração de novas formas de interpretar a realidade social.

Análise Discursiva das Canções: Língua Brasileira, Letramento Racial e *RAP*

Antes de analisar os sentidos produzidos pelos títulos das canções, é pertinente considerar a origem etimológica dos termos que as compõem. Segundo o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (1995), a palavra *drama* deriva do grego *drâma*, relacionada ao verbo *drân*, que significa “agir”, “fazer” ou “executar uma ação”. Ao longo da tradição ocidental, o termo passou a designar acontecimentos marcados por conflito, sofrimento e tensão. Já o termo *limitado* deriva do latim *limitare*, originado de *limes* (*limitis*), cujo significado remete a “fronteira”, “divisa” ou “limite” (Machado, 1995). Na contemporaneidade, o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (Houaiss; Villar, 2009) registra *limitado* como aquilo que possui restrições ou possibilidades reduzidas, enquanto *drama* designa uma ação ou situação marcada por conflitos e intenso sofrimento. Entretanto, ao associarem essas palavras ao substantivo “negro”, os Racionais MC's reinterpretem seus sentidos dicionarizados e produzem designações que remetem à experiência histórica da população negra no Brasil: limite e drama.

As formas de designar o sujeito negro nas canções dos Racionais MC's não permanecem estáveis ao longo de sua produção. Ao contrário, elas revelam um percurso de construção identitária que acompanha o amadurecimento político do grupo e a elaboração de novas formas de compreender a experiência negra no Brasil. Em *Negro Limitado* (1992), a designação associa o substantivo “negro” ao adjetivo “limitado”, que numa primeira leitura, nos dá a impressão de que se trata de obstáculos impostos ao sujeito negro, uma vez que *limitado* designa um pensamento restrito. Todavia, ao ler a música, e os diálogos que marcam essa composição, vimos que os Racionais MC's contrapõem o sentido de limitado de uma barreira e estende a limitação a uma consciência crítica em contraste a outra voltada apenas para o prazer, o consumo e o reconhecimento superficial; limitado então, não é condição física, mas de pensamento, há ali, uma forte ausência de reflexão sobre a condição histórica e racial da população negra, da qual o preto é autor e sujeito.

Em *Capítulo 4, Versículo 3* (1997), essa forma de designar o reconhecimento da poluição preta sofre uma inflexão importante. Naquele momento histórico em que se encontrava o país, os Racionais MC's criticam a televisão brasileira daquela época, especialmente os programas de auditório, nos quais artistas negros, em particular grupos de pagode, eram inseridos em uma lógica de entretenimento que reiteradas vezes, faziam representações racializadas que, “em troca de dinheiro e um carro bom, tem mano que rebola e usa até batom; vários patrícios falam merdas para todo mudo rir, para ver branquinho aplaudir” (Racionais, 1997), tratavam o corpo negro, sobretudo, como espetáculo, humor e performance, reduzindo a papéis que reproduziam estereótipos. Surge, então, a expressão “preto tipo A”, que rompe com representações historicamente negativas e constrói uma identidade afirmativa.

O “preto tipo A” é aquele que desenvolve consciência de sua condição histórica, valoriza sua origem, fortalece os vínculos com sua comunidade e resiste às formas de dominação imposta do ser versus parecer. Entretanto, a própria canção evidencia que essa identidade permanece em disputa ao afirmar que o sistema “transforma o preto tipo A num neguinho” (Racionais, MC's 1997). A escolha do diminutivo não é casual: “neguinho” recupera uma forma de tratamento frequentemente utilizada para infantilizar, diminuir ou desqualificar o sujeito negro, revelando que o racismo, principalmente, atua por meio da linguagem, produzindo formas de nomeação que procuram enfraquecer identidades afirmativas.

Esse percurso alcança um novo patamar em *Negro Drama* (2002). Diferentemente das canções anteriores, o foco deixa de estar na condição individual do sujeito para uma experiência coletiva e histórica. A palavra “drama”, cuja origem remete à ação e, posteriormente, ao conflito e ao sofrimento, deixa de designar um acontecimento particular para nomear a própria experiência social da população negra. O “negro drama” não é o drama de um indivíduo específico, mas a síntese de uma memória coletiva marcada pela violência, pela exclusão, pelo racismo estrutural e, simultaneamente, pela resistência de viver entre o “sucesso e a lama” (Racionais MC’s, 2002).

Observadas em conjunto, essas três designações revelam um movimento de ressignificação que atravessa a obra dos Racionais MC’s. Em *Negro Limitado*, a ênfase não recai sobre os limites impostos ao sujeito negro, mas quais limites esse negro coloca para si; em *Capítulo 4, Versículo 3*, emerge a construção de uma identidade positiva, representada pelo “preto tipo A”, ao mesmo tempo em que se denuncia a tentativa permanente de reduzi-la à condição de “neguinho”; por fim, em *Negro Drama*, a experiência individual é incorporada a uma narrativa coletiva, em que o sofrimento, a resistência e a memória passam a constituir elementos centrais da identidade negra. Assim, as diferentes formas de nomeação deixam de ser simples escolhas lexicais e passam a evidenciar que a disputa pelos sentidos da palavra “negro” também é uma disputa por reconhecimento, pertencimento e poder, aspecto que dialoga diretamente com a concepção de língua brasileira defendida neste estudo.

Essa característica aproxima as composições da concepção de língua brasileira defendida neste artigo. Nas letras dos Racionais MC’s, as marcas de oralidade, as escolhas lexicais, aliadas aos ritmos e formas de argumentação evidenciam a vitalidade da língua em uso. É justamente nesse ponto que o letramento racial amplia o alcance da análise. Ao colocar em evidência os modos como raça, linguagem e poder se articulam na produção dos discursos, torna-se possível compreender que as letras dos Racionais MC’s ultrapassam a denúncia social. Elas convidam o leitor e o ouvinte a reconhecer mecanismos historicamente naturalizados de exclusão, estimulando uma leitura crítica das relações raciais e das formas como essas relações também se manifestam na linguagem. Dessa maneira, o RAP deixa de ocupar apenas o lugar de objeto cultural e passa a constituir uma importante ferramenta de reflexão linguística, social e pedagógica.

A Construção da Consciência Racial em Negro Limitado

Embora o debate acadêmico e público recente tenha consolidado o conceito de racismo estrutural, os elementos fundamentais dessa engrenagem já estavam expostos em "Negro Limitado", lançada pelos Racionais MC's em 1992. A letra demonstrava que a opressão racial vai além de episódios isolados de preconceito: o racismo opera de forma sistêmica, moldando instituições, restringindo direitos básicos e definindo as dinâmicas sociais e econômicas que marginalizam a população negra. Por meio da crônica social e da denúncia política, o *RAP* de 1992 já antecipava a compreensão do racismo como elemento estruturante da sociedade brasileira.

Desde os primeiros versos, o enunciador assume a autoridade de quem vive as experiências que narra. Ao cantar “Você não me escuta / Ou não entende o que eu falo, procuro te dar um toque e sou chamado de preto otário” (Racionais MC's, 1992), aí estabelece-se um confronto direto com o interlocutor. Essa disputa ganha peso na sequência: “Atrasado, revoltado” (Racionais MC's, 1992). Há uma gradação clara nesses adjetivos. O “otário” é o indivíduo enganado; o “atrasado” é aquele empurrado para a margem do progresso; e o “revoltado” ganha um novo contorno semântico — não indica quem promove uma mudança real, mas quem reage de forma imediata e sem capacidade de transformação. Esses termos condensam estereótipos historicamente atribuídos à população negra, frequentemente rotulada como violenta ou raivosa. O interesse dos Racionais não é reproduzir essas classificações, mas desmascarar os mecanismos que aprisionam o sujeito em imagens negativas.

A crítica se aprofunda na metáfora: “Estamos jogando com um baralho marcado” (Racionais MC's, 1992). A imagem desmonta o mito da meritocracia. O sucesso não depende apenas do esforço ou da capacidade individual, pois as regras do jogo social distribuem oportunidades de forma desigual, favorecendo determinados grupos e bloqueando a mobilidade de outros. Mesmo sob uma suposta igualdade formal perante a lei, a canção denuncia a existência de barreiras invisíveis que produzem resultados brutalmente distintos para quem ocupa a base da pirâmide.

Outro ponto central é o apagamento da identidade. Nos versos “Não sabe se quer dizer / Veja só você, o número de cor do seu próprio RG” e “Diga qual a sua origem, quem é você / Você não sabe responder” (Racionais MC's, 1992). O negro limitado desconhece a

sua própria história e, assim, se alia ao inimigo racista. Essas interrogações expõem o distanciamento forçado entre os sujeitos negros e suas referências ancestrais, culturais e sociais restando, claro, a falta de letramento racial, o trecho ganha caráter pedagógico ao estimular a reflexão sobre pertencimento e memória.

O topo dessa crítica surge na ironia: “Então, príncipe dos burros, limitado/Nesse exato momento foi coroado” (Racionais MC’s, 1992). A coroação simbólica mostra que a limitação apontada não é intelectual, mas política e social. O sujeito é coroado justamente por permanecer alienado, sem compreender as estruturas que determinam sua condição. “Negro Limitado” funciona, portanto, como um manifesto de conscientização contra os processos que geram o apagamento identitário.

A Experiência Vivida e a Construção do Ethos em Negro Drama

Lançada em 2002, “Negro Drama” marca a maturidade discursiva dos Racionais MC’s. Se em “Negro Limitado” o foco era a construção da consciência racial e o combate à alienação, aqui essa consciência negra surge consolidada e validada pela experiência prática da periferia que sente na pele as desigualdades. Nesta letra, vimos um eu-lírico totalmente combativo, que denuncia os desdobramentos do racismo estrutural e os seus efeitos práticos nas vidas das pessoas.

A música foca nos efeitos permanentes desse sistema na vida dos sujeitos pretos. A introdução — “Negro drama, entre o sucesso e a lama/Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama” (Racionais MC’s, 2002) apresenta um cenário paradoxal. O acesso à fama e aos bens materiais não apaga as marcas da desigualdade racial. Mesmo alcançando prestígio e ascensão econômica, o indivíduo continua lidando com conflitos gerados pelo preconceito. Atletas, artistas e empresários negros, independentemente do *status* social que conquistam, continuam vulneráveis a práticas racistas que tentam reduzi-los, antes de tudo, à cor da sua pele.

Essa permanência ganha contornos físicos nos versos: “Cabelo crespo e a pele escura / A ferida, a chaga, à procura da cura” (Racionais MC’s, 2002). O cabelo crespo ultrapassa o aspecto biológico e assume peso político; historicamente estigmatizado, ele é ressignificado como marca de orgulho, pertencimento e resistência aos padrões estéticos eurocêntricos. A pele escura deixa de ser uma descrição anatômica e passa a carregar

sentidos sociais, funcionando como marcador sobre o qual incide a discriminação. A violência racial, nesse sentido, não abre apenas feridas individuais, mas se consolida como uma chaga coletiva transmitida entre gerações na história do país.

Outras camadas da composição revelam o isolamento social, evidente no trecho: “Tenta ver e não vê nada/A não ser uma estrela/Longe, meio ofuscada” (Racionais MC’s, 2002). A imagem da estrela distante sugere que o reconhecimento pleno, o acolhimento e a realização pessoal são metas constantemente adiadas. Essa estrela ofuscada simboliza um sucesso que, embora alcançado, permanece obscurecido pelas barreiras do preconceito, mostrando que a solidão e a exclusão acompanham o indivíduo negro mesmo no topo da ascensão social.

A crítica dos Racionais aproxima-se da reflexão fanoniana ao revelar que a violência colonial não se restringe à discriminação direta, mas atua na construção de identidades marcadas pela negação de si. Como observa Fanon, “o negro que quer embranquecer sua raça é tão infeliz quanto o que prega o ódio ao branco” (Fanon, 2008, p. 22), indicando que a colonização também opera pela interiorização dos valores do dominador. Embora Fanon trate do colonialismo histórico, sua análise permite compreender os mecanismos que continuam organizando as relações raciais na sociedade brasileira e que atravessam as experiências narradas pelos Racionais.

Ao formular o conceito de contra-colonização, Nego Bispo desloca o foco da denúncia para a permanência dos modos de vida, dos saberes e das formas de existência construídas pelas comunidades negras e tradicionais. Essa perspectiva encontra eco em *Negro Drama*, especialmente quando a canção afirma: “O dinheiro tira um homem da miséria / Mas não pode arrancar de dentro dele a favela” (Racionais MC’S, 2002). Justamente porque a favela é constituinte do homem preto, a favela representa apenas um espaço de privação, ela constituiu um território de memória, pertencimento e produção de conhecimento. Da mesma forma, um preto não deixa de ser preto pelas condições materiais que possui; é preciso resistência em buscar reconhecimento a partir dos referenciais da racionalidade eurocêntrica, é preciso afirmar outros modos de existir e produzir sentido. Como sintetiza o autor, “a contra-colonização são as nossas práticas de defesa, de manutenção e de retorno para o nosso lugar” (Santos, 2015, p. 47). Sob essa perspectiva, o *RAP* dos Racionais é uma arma contra o racismo estrutural, pois reafirma a periferia como

espaço legítimo de enunciação, de produção de saberes e de construção de letramento racial, e na escola contribui, de fato, para uma educação antirracista.

O RAP no Ensino da Língua Brasileira na Perspectiva do Letramento Racial

Partindo desse entendimento, apresentamos, a seguir, uma proposta de intervenção pedagógica voltada aos anos finais do Ensino Fundamental. Embasada pela concepção de educação linguística (Antunes, 2009), pela proposta de sequências didáticas (Dolz & Schneuwly, 2004), pela perspectiva dos gêneros discursivos (Marcuschi, 2008), pela Lei nº 10.639/2003 e pela Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), a proposta busca aproximar o ensino da língua brasileira das experiências socioculturais dos estudantes, promovendo práticas de leitura, análise linguística e letramento racial comprometidas com uma educação democrática e antirracista.

Quadro 1

Proposta de Intervenção Pedagógica

AULA	ETAPA	OBJETIVO	ATIVIDADES	AValiação
1	Acolhimento e sensibilização	Ativar conhecimentos prévios sobre rap, periferia, raça e escola.	Perguntas disparadoras; escuta de trechos de “Negro Drama” e “Negro Limitado”.	Participação oral e mobilização inicial dos sentidos.
2	Leitura e primeira interpretação	Identificar temas, vocabulário e marcas de oralidade.	Leitura silenciosa e em voz alta; destaque de palavras, gírias e trechos significativos.	Reconhecimento de elementos centrais do texto.
3	Língua brasileira em foco	Relacionar as letras à língua brasileira como prática histórica e social.	Discussão sobre norma, variação linguística, oralidade e identidade linguística.	Compreensão crítica da língua como lugar de disputa.
4	Análise discursiva comparada	Comparar os sentidos produzidos pelas duas letras.	Grupos analisam representatividade, racismo estrutural, subjetividade periférica e resistência.	Síntese comparativa das duas músicas.
5	Produção de sentido	Interpretar e reelaborar trechos das músicas.	Reescrita de trechos em registro formal; comentário crítico; mapa de sentidos.	Percepção dos efeitos de sentido gerados pela forma de dizer.
6	Produção autoral e avaliação	Mobilizar os aprendizados em criação e reflexão final.	Criação de versos, cartazes, podcast ou leitura expressiva; avaliação formativa.	Produção final e fechamento reflexivo.

Fonte: Autores (2026)

As análises realizadas neste estudo evidenciam que as canções dos Racionais MC's constituem um recurso relevante para o ensino da língua brasileira, sobretudo quando se busca desenvolver práticas de leitura comprometidas com a formação crítica dos estudantes e com a educação das relações étnico-raciais. A proposta apresentada a seguir resulta diretamente das discussões desenvolvidas neste artigo e procura demonstrar como o *RAP* pode ser incorporado ao ensino de maneira planejada, articulando leitura, análise linguística, reflexão social e produção de textos.

Considerações Finais

Os resultados obtidos corroboram os pressupostos que orientaram esta investigação. Ao articular a concepção de língua brasileira às discussões sobre letramento racial, verificamos que o *RAP* dos Racionais MC's amplia as possibilidades de ensino ao aproximar a escola de práticas de linguagem socialmente situadas, favorecendo a leitura crítica da realidade, a valorização da diversidade linguística e o reconhecimento de experiências historicamente marginalizadas, não apenas para práticas estigmatizadas e pouco exploradas, que, no limite, abordam as letras no seu aspecto da variação linguística.

Acreditamos que o objetivo geral desta pesquisa foi alcançado ao analisar as contribuições das canções para o ensino da língua brasileira e, a partir dessa análise, elaborar uma proposta de intervenção pedagógica voltada à educação básica. Da mesma forma, os objetivos específicos foram contemplados ao discutir a concepção de língua brasileira como construção histórica, social e cultural; e ao relacioná-la aos pressupostos do letramento racial.

A proposta de intervenção pedagógica apresentada neste artigo não pretende constituir um modelo único ou definitivo de ensino. Ao contrário, representa uma possibilidade de transposição pedagógica construída a partir das análises realizadas, demonstrando que o trabalho com produções culturais como o *RAP* pode integrar práticas de leitura, análise linguística e produção de textos comprometidas com a formação crítica dos estudantes e com a educação das relações étnico-raciais.

A principal contribuição desta pesquisa consiste em trazer os debates sobre língua brasileira, educação linguística e letramento racial, evidenciando que esses campos podem ser articulados de forma consistente em práticas de ensino voltadas à educação básica.

Por fim, espera-se que este estudo fortaleça as discussões sobre o ensino da língua brasileira e incentive novas pesquisas que ampliem o diálogo entre educação linguística, letramento racial e produções culturais brasileiras.

Referências

- Almeida, S. L. (2019). *Racismo estrutural*. Jandaíra.
- Alves, I. M. (2020). *A língua do Brasil: História, ideias e debates*. Parábola Editorial.
- Antunes, I. (2009). *Aula de português: Encontro & interação*. Parábola Editorial.
- Bagno, M. (2005). *A língua de Eulália: Novela sociolinguística* (15. ed.). Contexto.
- Baronas, R. L., & Mesti, P. (Orgs.). (2016). *Análise do discurso: Entorno da problemática do ethos, do político e de discursos constituintes*. Pontes.
- Bento, C. (2022). *O pacto da branquitude*. Companhia das Letras.
- Brasil. (2003). *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003: Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" e dá outras providências*. Diário Oficial da União.
- Brasil. (2008). *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008: Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639/2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena"*. Diário Oficial da União.
- Brasil. Ministério da Educação. (2018). *Base nacional comum curricular*. Ministério da Educação.
- Carneiro, S. (2005). *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo.
- Cunha, A. G. (2010). *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (4. ed.). Lexikon.
- Dolz, J., & Schneuwly, B. (2004). *Gêneros orais e escritos na escola* (R. Rojo & G. S. Cordeiro, Trans. e Orgs.). Mercado de Letras.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas* (R. da Silveira, Trad.). EDUFBA.
- Ferreira, A. J. (Org.). (2015). *Letramento racial: Leituras e práticas de enfrentamento ao racismo*. Pontes.
- Freire, P. (1989). *A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam* (23. ed.). Cortez.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.
- Gomes, N. L. (2017). *O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação*. Vozes.

- Gonzalez, L. (2018). *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. Diáspora Africana.
- Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaio, intervenções e diálogos* (F. Rios & M. Lima, Orgs.). Zahar.
- Gonzalez, L., & Hasenbalg, C. (1982). *Lugar de negro*. Marco Zero.
- Guimarães, E. (2005). *Semântica do acontecimento: Um estudo enunciativo da designação*. Pontes.
- Hooks, b. (2013). *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade* (M. B. Cipolla, Trad.). WMF Martins Fontes.
- Houaiss, A., & Villar, M. S. (2009). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva.
- Machado, J. P. (1995). *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (7. ed.). Livros Horizonte.
- Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. Parábola Editorial.
- Munanga, K. (2020). *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra* (5. ed.). Autêntica.
- Orlandi, E. P. (2009). *Língua brasileira e outras histórias: Discurso sobre a língua e ensino no Brasil*. RG Editores.
- Racionais MC's. (1990). *Holocausto urbano* [Álbum]. Zimbabwe Records.
- Racionais MC's. (1992). *Escolha o seu caminho* [EP]. Zimbabwe Records.
- Racionais MC's. (1993). *Raio X do Brasil* [Álbum]. Zimbabwe Records.
- Racionais MC's. (1997). *Sobrevivendo no inferno* [Álbum]. Cosa Nostra Fonográfica.
- Racionais MC's. (2002). *Nada como um dia após o outro dia* [Álbum]. Cosa Nostra Fonográfica.
- Ribeiro, D. (2019). *Pequeno manual antirracista*. Companhia das Letras.
- Soares, M. (2004). *Letramento: Um tema em três gêneros* (2. ed.). Autêntica.
- Street, B. V. (2014). *Letramentos sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação* (M. Bagno, Trad.). Parábola Editorial.